

# Resenhas

**Aldo Naouri. 2008. *Educar os Filhos: Uma Urgência nos Dias Que Correm*. Alfragide: Livros d'Hoje. 336 pp. ISBN: 978 972 203 71 81.**

Esta obra, escrita pelo médico pediatra líbio-francês de 73 anos, Aldo Naouri divide-se em duas partes, sendo a primeira (direcionada para a psicologia da criança) constituída por 4 capítulos e a segunda (mais prática, onde são analisados comportamentos e apresentados conselhos sobre o como educar) constituída por três capítulos. Sustentada em mais de quarenta anos de experiência prática, a obra, sem apresentar receitas pré-formatadas, tem como objetivo primo ajudar os pais no desempenho do seu papel de educadores. Consequentemente, é perpassada por uma questão de fundo, a saber: os filhos são uns amores ou uns ditadores? Para o autor, a resposta, num ou noutro sentido, encontra-se dependente não tanto das condições sociais em que os indivíduos nascem e crescem, mas, principalmente, do modo como os pais *educarem* os filhos. Isto é, não obstante a existência de uma panóplia de variáveis que podem influenciar a questão, para Aldo Naouri, à partida, as crianças, embora não sejam perfeitas, não são problemáticas; no entanto, se forem mal-educadas ou deseducadas, como em muitas situações ele acredita que são, facilmente podem passar de amores a ditadores.

Daí o subtítulo da obra que sinaliza a educação como uma urgência da atualidade; urgência essa, tão mais premente quando nos damos conta da emergência, nas sociedades modernas pautadas pelo consumismo e pela promoção do prazer sem limites, do que o autor denomina de *infantolatria*. Isto é, a idolatria das crian-

ças que, ao ocupar o lugar deixado vago com o desaparecimento de Deus, propugnou a centralização da família na criança, na realização de todos os seus desejos, onde é proibido proibir e onde o 'não' deve surgir com parcimónia e eufemismos. Em consequência disto, as crianças em vez de começarem, gradualmente, a reconhecer a existência dos outros que as rodeiam, tornam-se cada vez mais seres narcisistas e egoístas. Enfim, crianças 'problemáticas' ou, na aceção do autor, mal-educadas com as quais os pais não sabem o que fazer.

Assim, revelando um olhar simultaneamente lúcido e polémico sobre o que faz falta no processo educativo, este especialista em relações intrafamiliares, após estabelecer de um modo claro as distinções existentes entre os progenitores e as suas crianças, profere um *elogio da frustração*. Este é um conceito considerado essencial para o desenvolvimento da criança e que deve ser distinguido da *privação* (algo mais da ordem do real). Os primeiros anos são decisivos, porque será por via dessa experiência inicial da frustração (uma frustração que não traumatiza, contrariamente ao pensamento da maioria dos progenitores) que a criança vai gradualmente aprender a refrear os seus impulsos, a 'combater a violência das suas pulsões' e a perceber a existência de limites, de regras fundamentais que, ajudando-a a perceber que ela não está só nem é o centro do mundo, irão facilitar a sua vivência em sociedade: 'o universo da frustração' é algo de que, no discurso do autor, 'qualquer criança tem a maior necessidade, porque é graças a ela que se forma' (2008: 145-146).

Por outras palavras, para além de a intervenção sobre as pulsões não ser

traumatizante, a ausência do 'não' e da frustração faz com que a criança permaneça sujeita à 'tirania das suas pulsões. Não sabendo como combatê-las, ela vai prolongar o seu estágio de bebê centrado em si próprio e para o qual tanto as regras como os outros não interessam minimamente. Quando muito, estes últimos existem e são apreendidos única e simplesmente como um instrumento ao serviço do prazer pessoal. Seguindo este raciocínio, para Aldo Naouri 'levar uma criança a renunciar ao exercício da sua onipotência não é, com efeito, somente certificar-se de ter conseguido levar a bom porto a parte mais essencial da sua educação, é poder considerar de um modo relativamente sereno o resto da sua infância, a sua adolescência, o seu acesso à idade adulta e até a sorte da sua descendência' (2008: 195-196).

Desta forma, Naouri advoga a revalorização do poder dos educadores contra os todo-poderosos filhos. Para Aldo Naouri, a tarefa educativa só terá possibilidades de alcançar o sucesso se a mesma assentar nos seus pilares fundamentais, ou seja, amor, carinho, mas, também, no respeito pela hierarquia e pela autoridade.

Relativamente ao primeiro aspeto, partindo do pressuposto de que pais e filhos não se encontram no mesmo nível geracional, não são parceiros, nem possuem um estatuto equivalente, Naouri critica os defensores de um relacionamento horizontal entre ambos, advogando, isso sim, a necessidade e premência de uma verticalidade nessa relação. Sobre este aspeto, ver o capítulo 2 da 2ª parte, onde se defende de modo radical a não necessidade de explicações ou justificações (mesmo nos casos em que os pais erram ou são injustos), porquanto 'uma ordem é uma ordem. Ponto. É uma declaração que emana da vontade daquele que a emite com destino àquele a quem é dirigida e que lhe deve obedecer' (2008: 228).

No que concerne ao segundo aspeto, o autor defende uma autoridade que não

deve ser confundida com autoritarismo e que, praticamente, não tem necessidade de se exprimir, pois a criança percebe-a (e sente-a como reconfortante, no sentido em que lhe transmite segurança) numa comunicação inconsciente com os pais. Um erro em que, muitas vezes, caem os pais é o de confundir educação com sedução, quando, de facto, nos encontramos perante coisas distintas e contrárias. 'As duas palavras são, com efeito, construídas a partir do latim *ducere* que quer dizer "puxar para si", "conduzir", o que deu *ducare*, "educar". *Ducere* parte do radical *dux*, que quer dizer "chefe". *Educere* deixa entender uma relação de intercâmbio com o chefe, a ideia de chefe ou da exemplaridade que dele se destaca. Em contrapartida, *seducere*, iniciado pelo prefixo *se*, que assinala a separação, o pôr de parte, deixa entender o contrário, isto é, um pôr de parte a exemplaridade dessa ideia de chefe' (2008: 85). Portanto, esta confusão conduz muitos pais a optarem por uma educação democrática, permissiva que, na aceção do autor, acaba, em última instância, por produzir verdadeiros ditadores.

Por último, gostaria de fazer uma referência a outras duas ideias que perpassam o livro e que se encontram interligadas entre si. Designadamente, a defesa do regresso do pai e a revalorização do papel anteriormente desempenhado por ele enquanto limitador do poder da mãe sobre a criança, por um lado, e, por outro, a substituição da palavra de ordem 'primeiro a criança' por outra que seria 'primeiro o casal' (2008: 151), porque, em sua aceção, *a saúde física e psíquica das crianças fabrica-se na cama dos pais*.

Em suma, um livro perturbante para educadores mais sensíveis, mas de leitura obrigatória para todos aqueles que pretendam vir a ser bons educadores.

**Manuel Menezes**

*Instituto Superior Miguel Torga*